

As classes de 1964 e 1977: uma viagem pelo interior da China



ARNALDO GONÇALVES*

Merle Goldman, professora emérita de história na Boston University e investigadora do John K. Fairbank Center for East Asian Research desenvolve em "Os intelectuais na China", republicado dia 5 de Novembro, pelo JTM, uma tipificação da actual liderança da China que merece, pela importância do tema, que nela nos detenhamos em comentário.

Não abundam na ciência política, designadamente na comparatística dos sistemas políticos, estudos profundos sobre os estilos de liderança, o processo de decision-making, as cumplicidades e os processos de sedimentação do poder em países que subsistem no imaginário moderno revestidos de uma áurea de mistério, opacidade, ou incredulidade. Os últimos "grandes" profiles datam da guerra fria e marcam o conhecimento que temos de personalidades fascinantes do século XX como Estaline, Khrushchev ou Mao. Nos últimos dez anos pouco se tem escrito que mereça um destaque especial, salvo a excelente biografia de Jung Chang do lendário fundador da República Popular da China e que um dia destes comentarei nesta coluna. Talvez porque tenha passado de moda ou pela simples razão que a caracterização da personalidade de um líder político dá muito trabalho, supõe ler-se e sistematizar-se um acervo substancial de documentos e impor-se um balanceamento de análise entre apoiantes, opositores ou simples correspondentes.

Por várias razões - a todos intuitivas- isso é quase impossível em dirigentes vivos da República Popular da China, quer por as tomadas de posição públicas serem cautelosamente escrutinadas, quer porque os documentos de trabalho internos serem confidenciais, quando não secretos, quer finalmente por não existir ali uma tradição de abertura dos arquivos públicos aos investigadores, designadamente os estrangeiros. Tais factos caracterizam um regime fechado, marmóreo, impenetrável como o é da República Popular.

Temos assim - os que acompanham a actualidade política da China - de nos valer de elementos de informação dispersos, pouco consistentes, num jogo que no caso vertente tem a ver com a dissimulação e com a projecção do poder, por um lado, e com a contra-propaganda ideológica, por outro.

O argumento fundamental de Merle Goldman é que Hu Jintao, presidente do país e secretário-geral do PCC, reforçou nos últimos dois anos a repressão contra os intelectuais da China e todos os que criticaram a política do governo, citando ao propósito os nomes de Liu Di, Shin Tao, Yu Jie e Liu Xiaobao, enquanto exemplos da nova mão de ferro contra os órgãos de comunicação social. Mas mais do que isso considera esses casos manifestação de uma visão oposta ao do mentor de Hu Jintao, o reformista Hu Yaobang, antigo secretário-geral do PCC e inspirador da rebelião juvenil de Junho de 1989. Conclui dizendo "comparando com o final da década de 90, o espaço para o discurso político estreitou-se inegavelmente, destruindo as expectativas de que o país iria continuar num rumo de liberalização".

O texto contém alguns erros crassos de análise em relação ao inner politics da China que resultam de se pretender considerar o processo de substituição da Terceira pela Quarta Geração como a sucessão de conservadores [ou ortodoxos] por liberais partidários da abertura democrática da China e tudo estreitar a este prisma de análise. Tal facto não será estranho à matriz "guerra fria" que a autora americana tem procurado aplicar à realidade chinesa na senda de discernir as suas correlações de força e jogos de poder. Matriz que, em nossa opinião, é absolutamente ineficaz para explicar seja o que for.

Mas quem é esta 4.a Geração que Merle Goldman se empenha em demonstrar a "traição histórica"? E porque é que se fala em gerações e não na ascensão de líderes individuais?

A mudança geracional que está em curso na China contemporânea continua um processo que tem a sua origem na década de 80 e que tem como objectivo promover o ascenso de novos líderes, melhor preparados, a posições políticas seniores. Se a primeira geração foi a da fundação da República, a segunda foi a da Grande Marcha em Frente e da Revolução Socialista, a terceira da abertura económica e a quarta das reformas institucionais.

Mas existem traços fundamentais que dividem as três últimas contemporâneas da China Popular: a geração revolucionária que levou Mao e Deng ao poder tinha uma enorme autoconfiança derivada de anos de combate político e do confronto de um enorme acervo de problemas e sustinha-se na convicção que a vitória da revolução era o único e necessário factor de legitimação do poder. Assim mesmo quando os líderes estavam absurdamente errados eram confiantes na sua própria autoridade política e na sua capacidade para controlar os acontecimentos.

A geração de Jiang Zemin não teve o luxo desta autoconfiança e por isso o seu poder construiu-se afirmado-se entre a burocracia estatal e partidária e com o fito de não criar inimigos excessivos. Este processo limitou a sua experiência pessoal, a gama de contactos e o exercício da autoridade, levando-a a praticar um estilo de liderança mais cauteloso, fundado mais na gestação de consensos, do que na projecção da autoridade.

A 4.^a Geração não pode reivindicar a sua legitimidade na vitória de uma revolução que já não experimentou ou como Jiang Zemin, por terem sido 'a escolha' da geração revolucionária. Quanto a procura da legitimidade mais se move para longe das referências revolucionárias maior ela tem que se rever nos sentimentos da comunidade e no sentir da sociedade. A nova geração tem que encarar uma série de novos desafios e terá que encontrar a sua legitimidade no estabelecimento de normas procedimentais de funcionamento

do sistema, na criação de capacitações interrelacionadas e no desenvolvimento de um sentido genuíno de justiça. Essa é a sua única via que tem ao dispor para manter o poder

Jiang Zemin é um bom exemplo deste estilo e dos seus constraintamentos, revelado no facto da sua disponibilidade para continuar nos cargos mais altos do Estado ter sido contrariada pela vontade da liderança colectiva de ver Hu Jintao à cabeça do Estado, do Partido e do Exército.

A sucessão da 3.a pela 4.a Geração é a continuação das mudanças na élite dirigente que levaram à projecção de Jiang Zemin e dos seus pares. Embora a geração de Hu e Jiang tenham algumas características semelhantes - a formação técnica e tecnológica, a ascensão burocrática pelos escalões do Estado e do Partido há importantes diferenças. A mais importante é que Hu Jintao, Wei Jiaobao e os seus pares são a primeira geração de dirigentes da República Popular que não têm qualquer memória do período anterior a 1949. Hu e os seus pares cresceram em tempos de relativa tranquilidade. Nascido em Xangai em 1942 e tendo crescido em Taizhou, Hu terá tido a oportunidade de se dedicar aos estudos e passar os exames de admissão à mais prestigiada universidade técnica da China, a Universidade de Qinghua. Nos anos 50, a ciência e tecnologia era o melhor caminho para um jovem de origem pobre poder subir socialmente, sendo certo que a falta de contacto com o exterior ceava grandes hipótese de ganhar melhor percepção da realidade circundante. Enquanto Jiang Zemin, Li Peng e outros membros da 3.a Geração tiveram a oportunidade de estudar na União Soviética, Hu e os seus condiscípulos não beneficiaram disso, pois em 1960 Khrushchev retirou os conselheiros russos de solo chinês e as relações entre os dois países azedaram em virtude do cisma ideológico. Mas o seu desenvolvimento foi ainda marcado por outro facto, a erupção da Revolução Cultural.

Hu Jintao, Wen Jiabao, Zeng Qinghong e Wu Bangguo - todos hoje figuras proeminentes do Politburo - graduaram-se nas universidades que frequentavam quando a Revolução Cultural explodiu e viram muitas das suas expectativas e ambições volatilizarem-se pelo fogo voraz da luta entre as "duas linhas". Muitos passaram os anos seguintes nas regiões mais pobres da China, em reeducação ideológica. Hu Jintao continuaria na Universidade de Qinghua como comissário político até 1964 mas seria objecto de críticas pela "linha vermelha" e mandado para funções de nível baixo na província remota de Gansu.

Esta experiência pessoal é peculiar de toda uma geração que se viu forçada a suspender os seus projectos de vida e progresso durante dez longos anos. Isso terá feito vacilar as suas convicções mais ardentes acerca de Mao e da China socialista, vendo as suas carreiras secundarizadas e o país auto-destruir-se na fornalha da violência política. Aí reside o sentido de cautela que hoje experimentam quando se trata de reflectir e traçar políticas e equacioná-las à luz da estabilidade política. Uma lição que lhes terá ficado da Revolução Cultural é que as "grandes ideias" impropriamente implementadas levam sempre ao desastre.

Por isso Hu, Wen e os outros são, sobretudo cautelosos tecnicistas, que consideram as opções políticas cuidadosamente, implementam-nas faseadamente, revêem os seus efeitos, procuram corrigir os inconvenientes e refazem as opções.

Existe uma outra metade da 4.a Geração que emerge como líderes ou conselheiros dos líderes e que esteve profundamente envolvida na Revolução Cultural. Participando nas organizações dos guardas vermelhos, nas batalhas mais renhidas desses anos de 1966, 1967 ou 1968, indo para as regiões mais remotas da China para "empurrar a revolução" e realizar o "trabalho de massas". Eles foram apanhados no fogo cruzado do idealismo e do irrerealismo e perceberam que Mao os tinha "usado" para os seus próprios objectivos pessoais de ter mais poder e que rapidamente se desembocara deles. O melhor deste grupo - a classe de 1977 - passou os exames de admissão e conseguiu ser admitido nas universidades quando a Revolução Cultural chegou ao fim e Deng restaurou o sistema de exames. Mas dez anos se haviam passado e agora tinham que competir por um pequeno número de lugares com os que acabaram o sistema secundário. Os que entraram lançaram-se nos estudos e em actividades extra-curriculares com denodada

porque hoje é sábado



energia. Descobriram, ao mesmo tempo, que a China e o mundo haviam mudado, que as ilusões da China maoísta se haviam desfeito nas suas inconsequências.

Parte deste grupo participou nos movimento de reforma da agricultura e posicionou-se em posições importantes do partido no staff dos líderes; outros tornaram-se economistas, indo estudar para o estrangeiro, e, tornando-se, no regresso, peritos e conselheiros; outros encabeçam o advento da sociologia chinesa e da nova ciência política da China.

Estes serão os futuros líderes da China nos anos vindouros, quando o país avança acossado pelos efeitos negativos das reformas e pelo impôsto do crescimento económico e da transformação tecnológica. Gente que conhece o mundo, fala uma ou duas línguas estrangeiras.

Considerando as diferentes experiências na vivência das últimas gerações de líderes, o exercício do poder durante 50 anos pela geração que fez a revolução é, em si, um facto notável, mas dificilmente repetível. A mudança de Deng [nascido em 1904] por Jiang [nascido em 1926] foi em si extraordinária pelo leque de consequências. Como o foi a substituição de Jiang por Hu em apenas uma década. Com uma inovação substancial: nunca antes o Partido Comunista Chinês havia sido colocado perante o desafio de seleccionar um novo líder enquanto o precedente se encontrava, ainda, vivo. E fê-lo, pelo menos aparentemente, sem abanões telúricos, o mesmo que é dizer, sem provocar uma crise de legitimidade do poder de amplas proporções.

Qual será o impacto desta nova geração no futuro da China? Rejeitando o invólucro ideológico que lhe recorda a Revolução Cultural de que, em certo sentido, foi a primeira vítima, a nova geração tem uma aproximação diferente aos problemas da governação. No sentido que os engenheiros são ensinados a lidar com os problemas como questões-a-solucionar, esta geração aprendeu a coligir os factos e a examinar os problemas cuidadosamente: ou seja prefere testar soluções do que empurrar hipóteses elaboradas a priori.

Trata-se de uma geração de mentalidade aberta mas será incorrecto confundi-los com liberais, no sentido que usamos no Ocidente. Estão mais prontos a ouvir ideias que vêm de fora, mas que os seus predecessores alguma vez estariam disponíveis para o fazer. Estas ideias incluem temas como as relações com o estrangeiro, mudança e abertura políticas, propriedade privada, alargamento do Estado de Direito, sociedade civil, e por aí fora. Orientados muito mais por uma perspectiva do mercado que a geração de Jiang, Hu e os seus pares estão, por exemplo, particularmente receosos [e divididos] quanto ao tipo de desregularização que o Ocidente abraçou e sobre as questões de saber se esse é o melhor caminho para a China. Como divididos estão sobre a problemática da globalização e se ela é benéfica ou maléfica para a China. Porque ela terá impacto na crise social que se assiste nas zonas rurais mais atrasadas da China e que "manietam" o país como economia em vias de desenvolvimento, segundo as próprias estimativas do Banco Mundial. Apesar do crescimento brutal do Produto Interno Bruto que todas as estatísticas.

A mudança geracional necessariamente levará mais tempo. As normas de carácter muito informal que regem o exercício do poder jogam em favor das velhas gerações que perpetuam a sua influência até ao fim dos dias e pesam como uma sombra, uma grilheta, sobre os novos líderes, reduzindo o seu espaço de manobra. Mas quer essa mudança leve mais ou menos tempo - dois ou cinco anos - a escala das mudanças será dramática. A 4.a Geração não pode reivindicar a sua legitimidade na vitória de uma revolução que já não experimentou ou como Jiang Zemin, por terem sido 'a escolha' da geração revolucionária. Quanto a procura da legitimidade mais se move para longe das referências revolucionárias maior ela tem que se rever nos sentimentos da comunidade e no sentir da sociedade. A nova geração tem que encarar uma série de novos desafios e terá que encontrar a sua legitimidade no estabelecimento de normas procedimentais de funcionamento do sistema, na criação de capacitações interrelacionadas e no desenvolvimento de um sentido genuíno de justiça. Essa é a sua única via que tem ao dispor para manter o poder.

O grande problema é como esta abertura do sistema pode ser comparável como mudanças, perturbações e incidentes que não pode nem consegue controlar, porque lhe são exteriores. Liu Di, Shin tao, Yu Jie, Liu Xiaobo e todos os outros querem ir mais depressa e mais adiante, seguramente com a maior justiça, mas Hu Jintao e os seus pares sabem que não se podem dar a esse luxo, sob pena de falharem donde Mao falhou.

* Jurista. Especialista em Relações Internacionais

ma sustentada no período relevante, como, de acordo com os dados mais recentes, parece apresentar alguma quebra. Isto apesar do crescimento mais ou menos contínuo do número de visitantes que andará, nesta altura e em média, pelo patamar do milhão e meio de pessoas por mês"(...)

José I. Duarte in
"Hoje Macau" de 7/11

(...) "Hoje começou a contagem decrescente para os Jogos de 2009. Não se pode perder tempo. E todos os envolvidos, do Governo às associações desportivas, devem unir-se em torno desta causa de fazer do evento um sucesso espectacular, onde a nota final possa ser de 100 por cento"(...)

R.P. in "Ponto Final" de 8/11

(...) "A qualidade de vida não se mede pelo número de telemóveis ou televisões que, em média, cada um dos habitantes de Macau pode adquirir (...) A qualidade de vida mede-se, sobretudo, pelo prazer que se tem em... viver num determinado sítio. Mede-se pelo acesso à saúde de qualidade, pela segurança laboral, pelo acesso a bens culturais, pelo acesso a uma educação de excelência, enfim, qualidade de vida é sinónimo de uma existência sem pressões injustas, sem inseguinças sobretudo laborais"(...)

João Costeira Varela in
"Hoje Macau" de 8/11

(...) "Até na pequena comunidade portuguesa há empresários sem escrúpulos que aproveitam a fragilidade dos seus trabalhadores, nomeadamente de comunidades com menor poder vocal como a Filipina. Salários em atraso, contratos inexistentes, regalias invisíveis, aproveitamentos que revelam a incapacidade de gerir seja o que for a não ser com base na mais triste das vigarices"(...)

Paulo A. Azevedo in Rádio Macau"

(...) "Não são nem melhores nem piores os jovens de hoje. São, outrossim, diversos e porventura mais graves e complexos os problemas que enfrentam. E talvez aí radiquem os comportamentos mais violentos ou pelo menos aqueles em que o cariz da violência é mais gratuito e aparentemente sem sentido"(...)

Correia Marques in
"Hoje Macau" de 9/11

(...) "O sucesso de Macau na luta contra o SRAS deve ser um encorajamento para a prevenção da gripe das Aves. Não devem ser poupad os recursos financeiros para controlar a doença, incluindo no caso do pior cenário medidas coercivas, tais como a obrigatoriedade de quarentena para os que forem encontrados com a doença e o encerramento de escolas"(...)

Harald Bruning in
"Macau Post" de 9/11